

Resenha

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

Israel Ferreira Candiani¹

O livro *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, escrito por Paulo Freire em 1979, tem 48 páginas, e foi publicado pela editora Cortez & Moraes. Apresenta em três capítulos reflexões do autor, sendo o primeiro deles denominado “O homem e sua experiência”; o segundo, “Alfabetização e Conscientização”; e o terceiro, “Práxis da libertação”. A obra ainda conta com uma apresentação de Cecílio de Lora e um prólogo produzido pelo Instituto Oecuménique au Service du Développement des Peuples - INODEP (Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos).

O livro aborda o projeto educativo de alfabetização de Paulo Freire, iniciado em 1961, em conjunto com os camponeses, alfabetizando por meio da formação da consciência dos povos, do contexto social deles, incentivando o diálogo para que a relação com o mundo não seja uma relação de submissão, mas uma relação de ação.

No primeiro capítulo, denominado “O homem e sua experiência”, o autor disserta a respeito de sua origem e trajetória. Freire destaca a importância dos pais em sua formação, e a importância do diálogo, que o ajudou na sua conscientização, e que, mais tarde, resultou no desenvolvimento do seu método de estudo e trabalho no campo da educação popular. O autor apresenta, ainda, a realidade da ditadura militar, que o levou à prisão por 60 dias, interrompendo seu trabalho de alfabetização e conscientização social de adultos, realizado pelo Movimento de Educação Popular (MEP), que foi responsável por alfabetizar 300 trabalhadores em 45 dias. O êxito da experiência fez com que o método fosse adotado em todo o país, até ser interrompido pelo golpe militar, que entendeu que o MEP era uma forma de mobilização. Nesse sentido,

embora o Movimento de Educação Popular não tenha podido, por causa do golpe de Estado, realizar o conjunto de seu primeiro plano nacional, os protestos de certos grupos oligarcas, do Nordeste em particular, assim como a evolução do processo político, deixam entrever claramente que o desenvolvimento dos planos estabelecidos teria tido por resultado quase imediato um violento choque eleitoral em certos setores tradicionais; e isto na medida em que desaparecia o desconhecimento legal da cidadania política de uma grande parte da população brasileira adulta. (Em 1960, para uma

¹ Mestrando em Educação Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Brasil (contato@candiani.com.br).

população de 34,5 milhões de habitantes com mais de 8 anos, constam inscritos apenas 15,5 milhões de eleitores). Partidários da exclusão dos analfabetos – a maior parte dos membros das classes populares –, os grupos de direita nunca ocultaram sua hostilidade contra todas as tentativas para aumentar o número de eleitores. (FREIRE, 1979, p. 11).

A conscientização social, política e econômica proporcionada pelo método de educação de Paulo Freire passou a ser visto como um problema para o processo eleitoral daquele período, em razão do aumento da participação popular, por meio do voto, bem como por afetar o poder concentrado nos grupos de direita. Em razão do golpe militar e da ameaça que representava a alfabetização e a conscientização popular promovida por Paulo Freire, o autor foi isolado no Chile.

Após o isolamento de Freire, políticos do Chile que conheciam o método de ensino e seu sucesso na alfabetização de adultos passaram a aplicá-lo no programa de alfabetização daquele país, o que auxiliou na superação dos índices de analfabetismo e alavancou a classificação do Chile como uma das cinco nações com melhores índices de superação do analfabetismo, segundo a UNESCO. Nesse sentido, o autor escreve:

Em dois anos, o programa chileno atraiu a atenção internacional, e o Chile recebeu da UNESCO uma distinção que o aponta como uma das cinco nações que melhor superaram o problema do analfabetismo. Em 1968, o Escritório calcula que terá aproximadamente 100.000 alunos e 2.000 coordenadores. Não obstante, a continuidade do programa se encontra ameaçada pela existência de um estatuto temporário, ligado ao governo atual. Cortês desejaria ter um Escritório permanente para a educação de adultos, que sobrevivesse a toda mudança política. (FREIRE, 1979, p. 13).

Na segunda parte do livro, denominada “Alfabetização e conscientização”, o autor expõe a importância da conscientização na educação, conduzindo o indivíduo do seu conhecimento ingênuo para o conhecimento crítico, destacando a importância da criticidade para a realização das mudanças sociais necessárias para a prática da liberdade.

Paulo Freire apresenta aquilo que denomina *Ideias Força*, que são métodos educativos capazes de desenvolver criticidade no indivíduo, o habilitando a ter um olhar crítico a respeito da sua realidade. A primeira premissa tem como objetivo levar o homem a analisar as condições e o meio em que vive, de modo a se conscientizar e querer buscar a mudança do meio em que vive. A segunda estabelece que a consciência crítica adquirida levará o indivíduo a refletir sobre o seu contexto, libertando-o da domesticação de sua realidade. Todas as demais premissas estabelecem como ideia central que o homem, como ser histórico e cultural, é responsável pela

transformação da história, e a educação é responsável por libertar o homem de sua domesticação, por meio da conscientização.

O autor aborda, ainda, o processo metodológico dividindo-o em cinco fases, desde a elaboração até a aplicação, objetivando trazer maior eficácia no processo de alfabetização. A primeira fase tem como objetivo identificar palavras e expressões populares utilizadas nos grupos, descobrindo as experiências e as vivências dos indivíduos do grupo. Esta fase é denominada “descoberta do universo vocabular”. Segundo o autor,

Esta fase dá resultados muito enriquecedores para a equipe de educadores, não somente pelas relações que se estabelecem, como pelo conteúdo, frequentemente insuspeitável, da linguagem popular. Os contatos revelam ansiedade, frustração, desconfiança, e também esperança, força, participação (FREIRE, 1979, p. 23).

Na segunda fase, as palavras identificadas são separadas de acordo com os critérios de natureza silábicas, fonéticas e significado. Nesse sentido, vale citar Freire (1979, p. 24):

Hoje, conforme o professor Jarbas Maciel, vemos que estes critérios estão contidos no critério semiológico: a melhor palavra geradora é aquela que se reúne em si a porcentagem mais alta de critérios sintáticos (possibilidade ou riqueza fonética, grau de dificuldade fonética complexa, possibilidade de manipulação de conjuntos de signos, de sílabas etc.), semânticos (maior ou menor intensidade de relação entre a palavra e o ser que designa), poder de conscientização que a palavra tem potencialmente, ou conjunto de reações sócio-culturais que a palavra gera na pessoa ou no grupo que a utiliza.

A terceira fase é a da conscientização do grupo, em que são criadas situações para instigar o debate. Nesse sentido, o autor diz: “Estas são as situações locais que abrem perspectivas para a análise de problemas nacionais e regionais. Entre estas perspectivas se situam as palavras geradoras, ordenadas conforme o grau de suas dificuldades fonéticas” (FREIRE, 1979). A quarta e a quinta fases partem para o processo de criação de fichas com as respectivas palavras geradoras do grupo. Esse processo permite que as pessoas aprendam de maneira consciente. O autor finaliza:

Uma vez elaborado o material, em forma de dispositivos ou cartazes, constituídas as equipes de supervisores e de coordenadores, devidamente treinados nos debates relativos às situações já elaboradas, e de poder de suas fichas indicadoras, começa o trabalho efetivo de alfabetização. (FREIRE, 1979, p. 24).

No último capítulo, intitulado “Práxis da Libertação”, Freire discorre sobre a opressão, explicando a relação de dependência dos oprimidos com os opressores, relação esta que acaba por dificultar a busca pela liberdade dos menos favorecidos, que são coagidos em razão da “superioridade” de alguns em detrimento de outros. Nesse sentido, Freire aponta que:

Nessa situação, os oprimidos não veem ao “homem novo” como aquele que deve nascer da contradição, uma vez resolvida, quando a opressão dê lugar a libertação. Para eles, o homem novo são eles mesmos, convertidos em opressores. Sua visão é individualista, por causa de sua identificação com o opressor: não tem consciência de si mesmo enquanto pessoas, enquanto membros de uma classe oprimida. Não é com o objetivo de serem homens livres que desejam a reforma agrária, e sim para adquirir uma terra e deste modo, converterem-se em proprietários ou, mais precisamente, em patrões de outros trabalhadores. É raro o caso de um camponês, promovido a chefe, que não seja mais tirano em relação a seus antigos camaradas que o próprio proprietário. Isto deve-se a que o contexto da situação do camponês (a opressão) permanece sem mudança. (FREIRE, 1979, p. 31).

Paulo Freire encerra sua obra acreditando que a educação deve ter viés de libertação, e que a conscientização humana afasta o estado de alienação dos homens. O livro demonstra sua finalidade de, por meio da conscientização, utilizar a educação para libertar os homens e as mulheres, sujeitos da situação de opressão e de injustiça na qual se encontram. Indicação de leitura para todos os que buscam reflexões a partir do pensamento sobre a importância de uma educação dinâmica e democrática, capaz de levar conhecimento e autonomia de pensamento a todas as classes.

REFERÊNCIA

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

Submetido em 9 de outubro de 2022.

Aprovado em 20 de fevereiro de 2023.